Psicanálise compreensiva: uma concepção de conjunto

Autor: Walter Trinca
Editora: Vetor, São Paulo, 2011, 434p.

Resenhado por: Maria Tereza Pinheiro Castelo[1]

Walter Trinca tem se mostrado um autor bastante produtivo. Brindou-nos com numerosas publicações ao longo dos últimos trinta anos. Em seu trabalho mais recente, *Psicanálise compreensiva*, propõe um modelo de diagnóstico abrangente, em que parece condensar sua ampla experiência como clínico e pesquisador.

O esforço no sentido de organizar a diversidade de situações com que podemos nos deparar na prática clínica é considerável. Ao mesmo tempo, o modelo proposto por Trinca destaca-se por ser claro e simples, o que se deve ao fato de ser resultante de profunda elaboração clínica e metodológica.

Como já indica o título do trabalho, o referencial teórico que dará suporte a esse modelo é o da psicanálise, considerando-se as contribuições de Freud e de seus mais importantes seguidores – Klein, Winnicott e Bion.

Os principais conceitos que fundamentam e instrumentalizam todo o sistema apresentado e desenvolvido por Trinca ao longo de *Psicanálise compreensiva* são o que será identificado como *ser interior* e o correspondente *distanciamento de contato*.

Ser interior seria, em termos psíquicos, o núcleo vital do ser, sua fonte – ou ainda, do meu ponto de vista, o equivalente à pulsão de vida (Freud). No decurso do desenvolvimento humano, porém, diversos fatores interferem nesse processo, promovendo um maior ou menor distanciamento de contato com o ser interior. Consequentemente, quanto maior for o grau de distanciamento de contato existente entre o *self* e o ser interior do sujeito, maior a gravidade da situação clínica em questão.

O autor propõe situar num eixo, ou linha horizontal, as perturbações psíquicas, classificadas conforme os diferentes graus de distanciamento de contato. No decorrer do trabalho, passa a examinar quais seriam os fatores a produzir tal distanciamento e quais as consequências para o *self*.

Trinca acredita ser o que ele denomina *constelação do inimigo interno* um dos principais fatores responsáveis pelo distanciamento de contato – um nome novo para um conceito já existente, qual seja, o de *instinto de morte*, proposto por Freud. O autor procura examinar de que maneira tal constelação (ou, se preferirmos, o instinto de morte) atua fazendo oposição direta ao ser interior (instinto de vida) na vida mental do indivíduo.

Quanto às consequências do distanciamento de contato para o *self*, Trinca chama a atenção para duas possibilidades: a fragilidade do *self* e o aumento da sensorialidade. Esses aspectos podem ser identificados nas diversas situações clínicas em que o sujeito encontra-se com a mente paralisada, impossibilitado de pensar e invadido por "sensações, vivências e emoções que têm por base a destrutividade" (p. 111).

1 Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

Minha intenção aqui não é realizar uma extensa descrição do modelo proposto pelo autor. Sugiro, caso o leitor esteja interessado nos detalhes, que entre em contato direto com a obra para que possa ter uma ideia mais aprofundada a esse respeito.

Esta é uma obra que pode ser de grande utilidade para organizar o pensamento clínico, principalmente no que se refere à avaliação psicológica. No entanto, como toda obra que se propõe a abarcar um universo tão amplo e complexo como o da vida mental, sua dinâmica e funcionamento incorre, necessariamente, em certo risco. Isto porque a matéria-prima de que trata a psicanálise configura um campo em constante movimento e transformação. Não lidamos com situações estanques nem estáticas. Portanto, a ideia de classificação parece inadequada para tratar de "substâncias" tão voláteis e de difícil apreensão pelos órgãos dos sentidos.

Penso que esse é um risco que Trinca assume correr quando propõe um modelo desse tipo – assim como o risco relativo à questão da normatização, quando fala de atribuição de valores comparativos (graus de patologia) entre as diferentes perturbações psíquicas.

Outro ponto interessante para discussão refere-se à abordagem dos aspectos destrutivos da mente humana como algo diverso de seu próprio ser. O modelo da psicanálise compreensiva buscaria identificar os obstáculos produzidos pela mente do sujeito que o estariam impedindo de manter contato com o ser interior – e, em última instância, com a própria vida.

Penso que a psicanálise procura apresentar o indivíduo a ele mesmo, e nenhum dos dois indivíduos participantes dessa aventura tem como saber o que irão encontrar pela frente. Acredito que tomar contato com o desconhecido da mente possibilita ampliar nossa visão sobre nós mesmos e o mundo à nossa volta, e esse desconhecido abrange aspectos tanto destrutivos quanto criativos e amorosos. Entendo que ambos os aspectos são parte constitutiva da mente e do ser, com todas as contradições que isso possa produzir.

A abordagem que Trinca imprime ao seu trabalho parece dar ênfase ao chamado ser interior, certamente uma perspectiva útil para nos possibilitar ir adiante em nossa tarefa e reforçar as esperanças de encontrarmos algo além dos inúmeros obstáculos com que certamente vamos nos deparar ao longo do caminho.

Para finalizar, quero dizer que valorizo muito a iniciativa e a generosidade do autor em partilhar conosco sua proposta de abordagem clínica e metodológica dos fenômenos psíquicos, fruto de sua larga experiência e elaboração pessoal. Creio que são essas iniciativas que nos estimulam a prosseguir discutindo, problematizando e pesquisando em psicanálise.

Maria Tereza Pinheiro Castelo
Rua João Moura, 627, conj. 91
05412-911 São Paulo, SP
Tel: 11 3062-2041
terezapcastelo@gmail.com